

# 5 minutos de palestra

COM JOSÉ CARDOSO PIRES

**J**OSÉ CARDOSO PIRES publicou, ultimamente, um livro, «Caminheiros», que não é uma obra vulgar. Filha do seu temperamento é, também, um documento da sua experiência. Isso torna-se-nos bem evidente quando, em conversa desprentososa, à mesa do café, lhe ouvimos trechos da sua vida dura, em andanças pelo mundo, colhendo, aqui e além, sensações, que lhe deixaram para sempre marcas indeléveis. A sua paixão literária vem de longe, dos tempos da Universidade, quando escrevia em «Afinidades», ou colaborava no jornal «O Globo». Teve sempre predilecção especial pelo conto. Fez os primeiros ensaios. Insatisfeito, dedicou-se a um estudo persistente, encontrou uma forma que lhe é particular. O resto, fez a vida... Falámos com Cardoso Pires sobre o seu género literário preferido e ouvimos algumas opiniões curiosas:

— *Suponho que o conto moderno — diz-nos — não representa um estado evolutivo, em linha mais ou menos directa, da fábula ou da lenda. H. Bates, por exemplo, vê em Gogol e Poe os seus fundadores e creio bem que o facto de serem estas duas raízes tão diferentes sob muitos aspectos nos põe de sobreaviso contra observações que levem a ir procurar aos «Contos Tradicionais do Povo Português», de Teófilo, ou aos «Fabulários» a origem construtiva do nosso conto moderno.*

— *Pensa então que esse género literário é, como pretendem alguns, um produto da nossa época, da escassez de tempo da nossa sociedade industrializada, a exigir leituras sintéticas?*

— *De maneira nenhuma. Essa opinião, um tanto generalizada, é demasiado simplista. Nos Estados Unidos onde essas condições mais se verificam, apenas O. Henry e Runnon, chegaram à celebridade através dos magazines e da rádio. Os outros, como Caldwell e Hemingway, tornaram-se primeiramente conhecidos pelos seus romances e só depois se dedicaram, com grande devoção, ao conto. Aliás, a «short story», não é monopólio da pátria de Sherwood Anderson. A França, deu-nos vários contistas, a Itália, o Silone da «Viagem a Paris», o México, um José Marcinsidar da «Rosa dos Ventos».*

— *Prende, então, que...*

— *O problema é outro. A definição de conto não pode ficar-se no «género mais próximo da poesia», nem «num género sintético». O que acho que há de sintético no conto moderno é que nele, mais do que no romance ou na novela se exige do escritor uma selecção de factos e uma interpretação ampliada ao mais alto grau. É a procura do momento-padrão, chamemos assim ao momento ou à fase de toda a experiência que melhor traz em si e representa as forças condicionadas deste ou daquele aspecto da actividade humana.*

— *Tenciona dedicar-se, de futuro, apenas ao conto?*

— *Não. Por agora, tenho quase pronta uma colectânea de quatro novelas e um conto, a que possivelmente chamarei «Histórias de Amor» e que espero editar nos próximos meses. Estou a trabalhar, também numa experiência literária, um misto de narrativas, com apontamentos e folhas de reportagem, a que pus o título «As Pegadas e o Vento».*

A conversa derivou depois para outros assuntos, mas havia uma pergunta que apenas esperava oportunidade. A um autor que começa, naturalmente e legitimamente

com um mundo de ilusões dentro de si, era natural que a fizéssemos. Por fim decidimo-nos:

— *Como encara a sua posição de escritor e m face do público?*

Cardoso Pires olha-nos, reflecte um instante e diz-nos:

— *Bem vê..*

*A resposta há-de ser por força insuficiente. A essa pergunta e stão intimamente ligados muitos e diferentes problemas, desde a discussão sobre a crise do livro ao problema da comunicação artística. Por mim, entendo que o homem que escreve fá-lo porque se sente solicitado a isso, porque está atento à vida, interfere as experiências em que desta ou daquela maneira ele funciona — J. A. M.*



JOSÉ CARDOSO PIRES